



Montagem: Luciano B. Costa e Maria Alice Messias

AFIRMAR A VIDA DIA INTERNACIONAL DA MULHER 08.03.2021

IAU-USP



Texto:
Cibele Rizek

“...em agosto de 1914, foi anunciada (...) uma nova era no desenvolvimento do movimento internacional das mulheres socialistas. Toda a Segunda Internacional – e, portanto também, a Internacional de Mulheres Socialistas – se dividiu em seus componentes nacionais. Devido à política de paz social adotada pelo SPD e pela Comissão Geral de Sindicatos Alemães (...) as manifestações críticas já não eram tão bem-vindas. O Dia Internacional da Mulher acabou por ser proibido na Alemanha pelas autoridades oficiais, e os eventos, que só puderam acontecer de maneira ilegal, tiveram inúmeras represálias da parte do governo e da polícia. Meses depois, a princípios de novembro, Clara Zetkin redigiu um chamamento intitulado ‘Às mulheres socialistas de todos os países’, no qual se pronunciou decididamente contra a guerra e pelas ações ampliadas de paz, e ainda no marco desta oposição à barbárie imperialista, celebrou-se no ano seguinte, em abril de 1915, a terceira e última Conferência de Mulheres Socialistas, em Berna, na qual foi proclamado o princípio internacionalista ‘guerra à guerra.’”

As origens desse 8 de março como dia internacional da mulher são múltiplas. Há referências a um incêndio em uma fábrica em Nova Iorque no dia 8 de março em 1911, assim como há referências a greves e movimentos feministas anteriores, movimentos constituídos por mulheres lutando por igualdade. Mais ou menos ao mesmo tempo, a II Conferência das mulheres socialistas da Dinamarca, em 1910, teria apontado para a necessidade de uma data em que fossem comemoradas as lutas pelos direitos das mulheres, proposição apoiada por 17 países. Ainda em 8 de março de 1917, 90 mil operárias se manifestaram contra o Czar denunciando a participação da Rússia na I guerra, além da fome e das condições de trabalho. Reivindicavam paz e pão. Assim como confluência de todas essas manifestações, em 1921, o dia 8 de março foi dedicado às mulheres, como resultado de uma constelação de lutas e de esforços. Foi, então, dedicado às lutas das mulheres, lutas por pão e paz, por dignidade no trabalho, por equidade salarial, pelo direito do voto. A data seria reconhecida como dia internacional das mulheres pela ONU em 1945 – no fim da II Guerra, mas ganharia outros ares a partir dos anos 60, quando o movimento feminista tomava corpo e densidade. Desse modo, passou a ser oficialmente comemorado apenas nos anos 1970.

As comemorações oficiais do dia internacional da mulher, seu reconhecimento pela Organização das Nações Unidas, ao mesmo tempo fazem lembrar o lugar e o papel de subordinação, enaltecendo um feminino associado aos nichos e parcelas do mundo atribuídos às mulheres – quase sempre ressoando as formas históricas de dominação que envolveram a perpetuação da divisão internacional do trabalho. Por outro lado, operam um apagamento do que levou mulheres, socialistas e operárias em Nova Iorque, Moscou, São Petersburgo, Copenhague ou Berna à construção de uma subjetividade política que desenhava a bandeira da paz contra a guerra, da democracia dos conselhos contra a via da política exclusivamente parlamentar, a bandeira do voto universal, a bandeira do trabalho e do salário dignos, a bandeira da emancipação de todos os dominados, do fim de todas as formas de dominação, uma bandeira que empunharam por si e por todos, reinventando lugares, quebrando hierarquias vistas como naturais e inquestionáveis.

Assim, nesse 8 de março, para além de todas as questões que contemporaneamente envolvem as dimensões de gênero, talvez seja necessário relembrar o que foi apagado pelas celebrações oficiais, protocolares, midiáticas, que acabam por reforçar os papéis assignados a uma feminilidade circunscrita aos lugares e práticas que dizem quem somos. Comemorar o dia 8 de março pode trazer a alegria que se ancora na lembrança das lutas que lhe deram origem, nas lutas que forjaram embates por direitos e pelo direito a ter direitos. Comemorar a contrapelo! Comemorar gritando as palavras de luta que conformaram as promessas de pão, paz, dignidade e equidade. Comemorar reinventando continuamente a possibilidade da igualdade, de uma igualdade não necessariamente homogênea, a possibilidade de uma igualdade para além de todas e de cada uma das diferenças, para além das formas brutais de dominação e de invisibilidade que apagaram, nublaram, encobriram vidas, práticas, esforços. Comemorar o dia internacional das mulheres permite que possamos nos colocar para além do cada um no seu lugar, para além do “você sabe com quem está falando”.

Nesse Brasil de 2021, na luta permanente contra o ataque aos nossos direitos, à Universidade Pública, inclusiva, gratuita e de qualidade, na luta pela liberdade de expressão, pela autonomia universitária, numa jovem e pequena unidade como o IAU, é preciso comemorar a contrapelo o dia 8 de março. Comemorar nossas lutas e conquistas permite lembrar que nós mulheres, construídas como gênero e unidas pela defesa da vida, denunciemos ao mundo uma política de morte e genocídio em curso, que nós – a maioria da população brasileira – reafirmamos a vida e sua alegria, reafirmamos e fazemos nossas as promessas das gerações que nos antecederam, retomando suas lutas por paz, pão, vida e proteção da vida, igualdade e emancipação. Lembrar de nossas lutas, lembrar de quem somos, empunhar de novo as ideias de igualdade e emancipação restitui o pleno sentido do que lemos nas bandeiras de todas, de todos, de todxs e do que se inscreve em cada conquista, em cada enfrentamento: lutem, comemorem nossas lutas, afirmando a vida contra a produção cotidiana da morte.